ALJUSTREL
concelho
empreendedor

ALJUSTREL TERRA VIVA COM FUTURO

02 ed.

Feira do Campo Alentejano
ALJUSTREL

município Aljustrel terra viva

DELTA

SAGRES

CA Crédito Agrícola

prio

INNOLIVA

protejagro

Intermarche
ALJUSTREL

Edição JOTA CBS - Comunicação e Imagem, Lda. // 2019 _ Distribuição Gratuita

JOTA CBS

comunicação e imagem

criar soluções de comunicação pode ser muito simples se recorrer a profissionais experientes e capazes de construir as melhores ideias e dar as respostas mais competentes

temos para si uma solução concreta: **com experiência e profissionalismo**

produção gráfica e de conteúdos para jornais, revistas e edições digitais

286 328 417

geral@jota-cbs.pt

Terra com futuro!

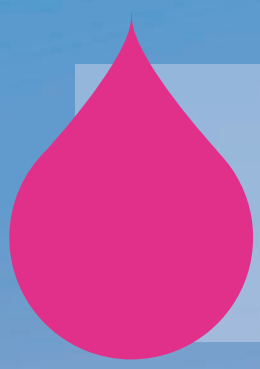
Os números falam por si e revelam o potencial imenso que encerra o território de Aljustrel, onde cabem séculos de exploração mineiros com novos desafios nas áreas agrícola e industrial.

TAXA DE FECUNDIDADE

Em 2017 o concelho de Aljustrel teve a segunda maior taxa de fecundidade de Portugal e uma média de 2,1 filhos por mulher. Melhor só mesmo o concelho de Lisboa!

EXPORTAÇÕES

Aljustrel registou, em cinco anos, um crescimento de 100 para 150 milhões de euros em exportações. É o segundo concelho mais exportador do Baixo Alentejo.

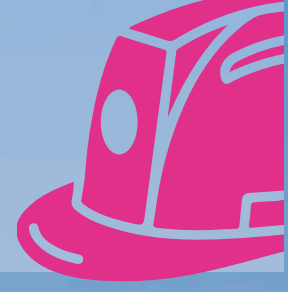


REGADIO

O concelho de Aljustrel contava com cinco mil hectares de regadio em 2009. Uma década depois já são mais mais de 20 mil os hectares regados na área do município.

SECTOR MINEIRO

A exploração e produção mineira em Aljustrel está actualmente centrada no zinco, contando com mais de 1.000 postos de trabalho diretos. É o maior "motor" da economia local.



LOCALIZAÇÃO

Entre Lisboa e o Algarve, o concelho de Aljustrel é servido pelo nó da A2, com o Aeroporto da Portela e de Faro a pouco mais de 1h30 de distância e o Aeroporto de Beja a 30 minutos.

NELSON BRITO | PRESIDENTE DO MUNICÍPIO DE ALJUSTREL

"ESTÁ EM CURSO UMA REVOLUÇÃO AGRÍCOLA NO ALENTEJO"

Presidente do Município de Aljustrel reconhece que o sector agrícola está em franco crescimento no concelho e em todo Alentejo, beneficiando do projecto Alqueva. Um desenvolvimento que Nelson Brito espera que se faça com sustentabilidade ambiental e que contribua para travar o despovoamento da região.

Qual é, neste momento, o "peso" da agricultura na realidade económica do concelho de Aljustrel?
O peso é cada vez maior e está em crescendo. Aliás, isso é notório – e Aljustrel acompanha essa tendência – no território EFMA [Empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva], em que hoje a agricultura tem um peso grande. Digo mesmo que está em curso uma revolução agrícola no Alentejo, nomeadamente no Alentejo do Alqueva. Daí a região – e Aljustrel em concreto – ter hoje novos desafios.

Que desafios?
Desde logo em termos ambientais, porque há hoje uma necessidade de um equilíbrio entre duas premissas que, com certeza, os alentejanos querem. Queremos ter um ambiente saudável, mas não queremos ter as terras abandonados como tínhamos há 15 anos… E é sobre esta dicotomia, entre um Alentejo a produzir e um Alentejo respeitador do ambiente, que temos de procurar um equilíbrio. É possível, com a tecnologia e o conhecimento de hoje, haver um justo equilíbrio entre uma produção que dá empregabilidade e distribui riqueza e a defesa do ambiente. Porque a região não pode voltar atrás em relação àquilo que é hoje a capacidade de produção, que está em crescendo e que precisamos que continue a crescer. O sucesso do Alentejo passará muito pela capacidade produtiva em termos de agricultura e, sobretudo, da agro-indústria que venha a tratar e escoar essa mesma produção.

Estando este sector a ganhar "peso" na economia local e regional, sente que este é um crescimento com bases, sustentável, ou existem riscos?
A agricultura que temos na área do Alqueva é uma agricultura de mercado, e essa agricultura está sujeita às regras e aos factores do mercado. Hoje o produto 'y' é valorizado pelos consumidores, mas amanhã saem três ou quatro estudos científicos e passa a ser um produto secundário ou não consumido… Mas o facto de termos terra, sol e água vai permitir uma variação e rotatividade de culturas. Aquilo que o mercado for pedindo, tenho a certeza que o Baixo Alentejo, com as condições infra-estruturais e o clima que tem, irá manter uma constância de capacidade de produção.

Por que razão não há ainda agro-indústrias nesta região?
Desde logo pela escala! A produção não tem ainda escala e é importante que consigamos vir a ter isso. Por outro lado, há produção que já tem agro-indústria implicada noutros pontos do país. Mas é importante que consigamos fazer essa deslocalização – quer nacional, quer internacionalmente – da agro-indústria para aqui. E é importante que a produção que temos aqui comece a justificar a necessidade de implementação da agro-indústria no território. Depois é preciso corresponder com outra coisa – mas isso são instrumentos que nos próximos anos acho que vão estar ao dispôr, por responsabilidade dos municípios e dos agentes locais –, que é conseguirmos criar uma rede de oferta onde se possa vir a instalar essa agro-indústria. Outra coisa importante – e esse caminho está feito – é ao nível do Plano Regional de Ordenamento do Território (PROT) do Alentejo, que está agora em discussão, para que este venha a corresponder a uma maior agilização, para que alguma agro-indústria não tenha de se instalar em áreas empresariais.

É preciso maior flexibilidade ao nível do planeamento…
Alguma agro-indústria tem de estar onde está a produção! Não tem de ficar pomposamente numa área empresarial criada para o efeito, mas sim naquilo que é a parte urbana – digamos assim – de muitos prédios rústicos que existem neste Alentejo fora.

Olhando em frente, consegue antever como será o Alentejo agrícola no final da próxima década, em 2030?
Os próximos 10 anos serão marcantes…

Porquê?
Há uma agricultura que cada vez mais terá de responder a crises alimentares e ao mercado. Há uma agricultura que cada vez mais estará exposta à opinião pública e aos "lobbies" ambientais, que cada vez têm mais influência na decisão política. Por isso, haverá um crescimento natural da agricultura, mas que terá que ter uma "almofada" de sustentabilidade ambiental. Ou seja, o caminho da agricultura de regadio faz-se de acordo com a evolução do mercado e certamente que, dentro de uma década, teremos aqui melhores projectos ainda, mais escala e novas produções… E certamente que haverá uma agro-indústria a suportar muita desta produção. Mas a grande interrogação que devemos fazer é: "E o Mundo Rural clássico? E o Mundo Rural da pecuária, do montado, do sequeiro?". Esse deve ser uma preocupação forte, até porque esse [sector da agricultura] vai começar a rarear. Parece-me que esta é uma agricultura que também deveria vir na "visão 20/30", porque é uma agricultura que pode dar muita sustentabilidade ao equilíbrio do

> O SUCESSO DO ALENTEJO PASSARÁ MUITO PELA CAPACIDADE PRODUTIVA EM TERMOS DE AGRICULTURA.

> A AGRICULTURA SERÁ UMA VIA IMPORTANTÍSSIMA PARA O REPOVOAMENTO DA REGIÃO.

> OS FUNDOS COMUNITÁRIOS TÊM DE CORRESPONDER À COESÃO TERRITORIAL.

eco-sistema da região e do Alentejo.

Estará também na agricultura a "chave" para o "repovoamento" do Alentejo?
Tem que estar! A agricultura será uma via importantíssima para o repovoamento da região. Mas isso não significa passarmos a ter 10 vezes mais população. Aquilo que é importante no nosso "repovoamento" é termos quantidade suficiente [de pessoas] para viabilizar os territórios. Precisamos de estancar a saída de pessoas e precisamos de ter mais algumas para continuarmos a ter vilas, aldeias e todas as infra-estruturas e respostas básicas em áreas como a Educação ou a Saúde, no policiamento, no lazer, no desporto, na cultura… Mas a agricultura vai também trazer-nos fenómenos a nível da demografia para o qual temos de estar preparados.

A imigração?
Exactamente! Aliás, já estamos a viver essa experiência, ainda que em pequenos focos. E é importante que tenhamos a capacidade de receber e de permitir processos de aculturação nos dois sentidos.

Estando um novo pacote de fundos comunitários a caminho, o Portugal 20/30, esta premissa do "repovoamento do Interior" deve estar no topo das prioridades?
Haverá várias prioridades, mas devem ter um denominador comum: garantir a viabilidade dos territórios em termos demográficos. Precisamos estancar [o despovoamento] e reganhar alguma escala populacional, para que os territórios se mantenham viáveis. E o próximo pacote de fundos comunitários – dentro daquilo que é a descarbonização, o conhecimento, a economia circular e todas essas novas visões – tem de ter uma coisa em mente: ter um território competitivo para que nos queiramos manter aqui e, sobretudo, para que esse território seja capaz de captar novas populações. Essa tem de ser a grande batalha do Interior na próxima década. O Interior tem de ganhar viabilidade!

Devendo o novo pacote de fundos comunitários incorporar todas essas novas "visões", sente que tem igualmente de conter verbas para questões básicas como o abastecimento de água, saneamento ou estradas? É que no quadro 2014-2020 não houve verbas para tal e sabemos que, pelo menos no Alentejo, há ainda muito por fazer nestas áreas…
Os fundos comunitários têm de corresponder à coesão territorial. E essa coesão territorial tem um diagnóstico feito! Percebemos que há aspectos básicos, como a água, o saneamento e uma rede de mobilidade, que são a grande causa de divergência [entre o interior e o litoral]. É muito importante que o próximo quadro comunitário resulte numa alteração dessa visão, nomeadamente na área da mobilidade, que foi erradamente – pelo último Governo – negociada com Bruxelas segundo o pensamento de que Portugal tem muitas autoestradas e quilómetros de alcatrão a mais.

Sendo o "repovoamento" a grande batalha que o Alentejo tem pela frente, a Regionalização será uma "arma" fundamental para ganhar a guerra?
A Regionalização será importante para a organização do todo nacional, não apenas para o Interior. Mas tem factores acrescidamente positivos para o interior do país. Mais que não fosse, passaria a haver uma proximidade de decisão que não existe no nosso território, o que resultaria de certeza num ganho. Mas o processo da Regionalização não deve ser apenas "imposto" pela agenda política. É certo que a política tem essa tarefa e os próximos programas partidários para as Legislativas devem precisamente englobar isso. Tudo farei para que o partido [PS] a que pertenço traga isso no seu programa eleitoral e é importantíssimo que os partidos assumam isso na sua agenda. Mas como dizia, não pode ser só uma visão de imposição partidária – tem de ser também um movimento a partir das pessoas. A Regionalização tem de vir de baixo para cima, tem de ser primeiro percebida e depois pedida pelo próprio povo. Por isso, a Regionalização tem de ser descodificada e explicada às pessoas como sendo um factor de proximidade, de simplificação para os empresários, para as pessoas e para as instituições.

Sente que será possível alcançar essa meta já na próxima legislatura?
É possível, é. Mas tem de haver mobilização da sociedade civil. Hoje em dia temos movimentos cívicos à volta de diversos temas – e bem. Por isso, deve haver um grande movimento cívico a nível nacional, no sentido de ir ao encontro de uma vontade política, para que consigamos ter uma verdadeira Regionalização ao serviço daquilo que deve ser o seu obejctivo principal: melhorar a vida dos portugueses.

ASSOCIAÇÃO DE BENEFICIÁRIOS DO ROXO

Diversificação de cult no Roxo "é muito van

Presidente da Associação de Beneficiários do Roxo antevê "uma revolução" nos campos do concelho de Aljustrel que são regados pelo perímetro de rega criado há meio século.

Está em marcha uma verdadeira "revolução" nos campos do concelho Aljustrel! Uma revolução que não é política mas sim agrícola, provocada pela chegada da água do Alqueva à albufeira do Roxo, e que segundo o presidente da Associação de Beneficiários do Roxo (ABR) tem permitido novos investimentos, a diversificação de culturas e mais produção no território abrangido pelo já cinquentenário Aproveitamento Hidroagrícola do Roxo.

Olival, amendoal, romãs, figueiras, arroz e milho, ou frutas de caroço, como pêssegos e damascos, são algumas das culturas que vão ganhando espaço nas explorações agrícolas do concelho, numa transformação que António Parreira estima que vá "continuar a acontecer" nos próximos anos. "Primeiro porque temos água, o que faz com que a agricultura seja uma actividade económica muito interessante. E além disso, a nível mundial, vamos precisar de produzir cada vez mais alimentos", justifica o presidente da ABR.

No Roxo os tempos são de diversificação de culturas, num processo que António Parreira considera ser natural… e necessário. "Será muito vantajoso que haja diversificação de culturas e é isso que nós pretendemos, até por uma questão de mercado. O próprio agricultor procura ter mais que uma cultura, porque se uma correr mal num ano terá sempre as outras em que poderá beneficiar", explica este responsável, convicto "que se vão desenvolver outras culturas" na região, dando o exemplo da *cannabis* para fins medicinais. "Temos é de criar as condições para que elas se possam desenvolver", acrescenta.

Para António Parreira, esta é mesmo uma questão essencial. "Há uma série de culturas que poderão ser muito interessantes [para esta zona]. Agora é necessário que a região acompanhe isto. E na ABR estamos muito atentos a essa situação", adianta o presidente da associação, revelando que a instituição tem estado a trabalhar no sentido de serem criadas as estruturas "que levem à comercialização", para "que os produtos possam sair da região já prontos para o mercado final".

"Isso é extremamente importante", observa Parreira, que ainda assim reconhece que este "é um passo que não está a ser fácil de dar". "Mas é um passo necessário e, nesse sentido, na

> "HÁ UMA SÉRIE DE CULTURAS QUE PODERÃO SER MUITO INTERESSANTES PARA A REGIÃO."

> "HÁ CULTURAS QUE VÃO DESAPARECER E VAMOS TER UMA PAISAGEM DIFERENTE."

turas tajoso"

ABR já criámos uma organização de produtores da amêndoa. Vamos agora criar uma organização de produtores para o olival e gostaríamos de avançar também com uma unidade de frio e para embalamento de frutas e legumes. Temos esse projecto previsto para a antiga fábrica do Roxo, onde está provisoriamente a funcionar a fábrica de manilhas", diz.

Na opinião do presidente da ABR, "todas estas estruturas serão extremamente importantes para se crie mais rapidamente a dinamização dos agricultores". "E até os pequenos agricultores poderão ter uma palavra a dizer, porque passam a ter junto de si um circuito de comercialização", frisa.

ARMAZENAR MAIS ÁGUA

É olhando ao presente que o presidente da Associação de Beneficiários do Roxo encara o futuro da região no espaço de uma década com grande optimismo. António Parreira volta a falar numa "revolução" em curso na região, que tem tudo para ser um pólo agrícola de excelência, tendo como "motor de desenvolvimento as culturas regadas".

"Vai-se dar uma revolução na nossa região. E essa revolução ou será feita pelos agricultores portugueses ou pelos agricultores estrangeiros. Dependerá da nossa dinâmica e das nossas estratégias", advoga o dirigente associativo, para logo acrescentar: "Há culturas que vão desaparecer e vamos ter uma paisagem completamente diferente no Alentejo, principalmente nas zonas de regadio como o Roxo. E ainda bem que vamos ter! É sinal que houve desenvolvimento, houve possibilidade de tirar partido de um bem que nos foi dado, que foi o Alqueva e a água".

A água é mesmo, segundo António Parreira, o "elemento-chave" no Processo Revolucionário Agrícola em Curso no Roxo (e no Alentejo). Daí que defenda a necessidade de serem construídas mais barragens.

"Fazer barragens é uma coisa muita vantajosa para nós e para a nossa região. Porque as barragens vão regularizar os cursos de água e fazer com que a água seja armazenada, servindo para as populações, para a agricultura e para a pecuária. Deve-se olhar para o Alentejo nesta perspectiva", conclui.

Preço cobrado pela água é decisivo

O presidente da Associação de Beneficiários do Roxo reconhece que o preço cobrado aos agricultores pela água vinda do Alqueva pode ser o principal obstáculo ao desenvolvimento da actividade agrícola no concelho de Aljustrel. Segundo António Parreira, "no Roxo houve falta de água no passado, mas com o Alqueva isso já não acontece". Contudo, diz, "o que mais preocupa é o preço da água [do Alqueva], que pode ser incomportável para o rendimento das culturas", alerta o dirigente associativo.

MANUEL ROCHA (MANELITO)

Grãos de excelência em Ervidel

Manuel Rocha (Manelito) tem 160 hectares de terra entre os concelhos de Aljustrel e Ferreira do Alentejo.

Não há alentejano que se preze que não tenha memória de um bom cozido de grãos preparado com esmero e tempero pela avó durante um domingo de festa ou de reencontro familiar. Recordações que muitas vezes são avivadas (e degustadas) com o grão-de-bico comprado em Ervidel a Manuel Rocha, o que enche este agricultor de orgulho.

"Para além da questão financeira, dá-me muito prazer ouvir as pessoas dizer que gostam bastante do produto, que este lhes provoca recordações do passado – do tempo dos avós e dos bisavós. É um retorno [ao passado] que me dá bastante orgulho", confidencia o produtor de 44 anos em pleno campo, numa das suas plantações de grão-de-bico.

Manuel Rocha (por quase todos conhecido como Manelito, alcunha dos tempos em que era futebolista) nasceu no seio de uma família agrícola, acabando por seguir as pisadas do avô e do pai. Hoje conta com 160 hectares, divididos por parcelas espalhadas entre os concelhos de Aljustrel e de Ferreira do Alentejo, dos quais cerca de 30 se destinam à produção de grão-de-bico, cuja excelência é reconhecida em todo o país.

"Prefiro vender directamente ao consumidor, mas consigo estar em supermercados e em Lisboa já tenho uma loja ou duas que já me procuraram, assim como no Pinhal Novo e no Algarve", conta o produtor, garantindo que tem conseguido escoar a sua produção apesar de ter aumentado a área de plantação.

Mas nem só de grão-de-bico se faz a exploração agrícola de Manuel Rocha. Ao longo dos seus 160 hectares também se encontra girassol, trigo duro (para massas alimentares), trigo mole, cevada dística, aveia, cártamo e um pouco de olival.

"Tenho vindo a aumentar a exploração, os hectares, a produção… Fui criado nisto e estou bastante satisfeito com aquilo que faço", frisa o agricultor, garantindo que está na lavoura com o mesmo espírito com que andava pelos pelados e relvados da região: "Empenhado e trabalhador". "Isto exige muita dedicação e temos de estar sempre muito atentos a tudo. Até costumo dizer a brincar que as culturas gostam muito de ver os seus donos quase todos os dias. E isso no final reflecte-se: quem está mais atento, quem é mais dedicado, depois é compensado", acrescenta.

Manuel Rocha está ligado à agricultura desde tenra idade e reconhece que muita coisa mudou no sector, sobretudo na região de Aljustrel, onde a chegada da água do Alqueva abriu várias janelas de oportunidade. "Antes era só agricultores, agora há grandes empresas a instalarem-se nestas terras, que são terras boas. E com água têm uma potencialidade enorme", diz, para logo acrescentar: "As terras, a nível de regadio, estão praticamente 'virgens'. E quando assim é, sobretudo nesta zona, se os terrenos forem bem tratados dão culturas fabulosas".

RPK BIOPHARMA

Aljustrel vai produzir "cannabis" medicinal

Da esquerda para a direita: Aldo Vidinha (director de operações da Holigen), Pauric Duffy (presidente-executivo da Holigen) e Nelson Brito (presidente do Município de Aljustrel).

Investimento de 45 milhões de euros na freguesia de São João de Negrilhos deverá estar operacional em 2020 e permitir a criação de 200 novos postos de trabalho.

A empresa RPK Biopharma, ligada ao grupo internacional Holigen, vai avançar com a criação de uma unidade de produção de *cannabis* medicinal na freguesia de São João de Negrilhos, no concelho de Aljustrel. Trata-se de um investimento de 45 milhões de euros ao longo dos próximos quatro anos, sendo esperada a criação, neste período, de 200 novos postos de trabalho, garante o seu presidente-executivo, Pauric Duffy.

"Recebemos a nossa licença de produção este ano e estamos a construir as nossas instalações em Sintra (21.500 metros quadrados) e Aljustrel (7.000.000 metros quadrados no Complexo Agro-industrial do Roxo). Se todo o processo de licenciamento ocorrer como o previsto, no terceiro trimestre de 2019 estaremos totalmente operacionais em Sintra e, em 2020, em Aljustrel", afirma o gestor.

A RPK Biopharma vai investir "45 milhões de euros em quatro anos" no mercado português, período no qual espera criar "200 postos de trabalho", acrescenta. "O processo para produzir *cannabis* medicinal é totalmente realizado em conformidade com as regras GMP [de boas práticas] e é estritamente farmacêutico", diz Pauric Duffy, salientando que "este processo segue os seguintes passos: cultivo, colheita, secagem, extracção de ingredientes farmacêuticos, preparação de produtos de grau farmacêutico, embalagem e comercialização".

O gestor diz que o objectivo é que a produção seja para o mercado português e também para exportação. "A Holigen tem acesso a mais de 35 países em todo o mundo e possui acordos de distribuição e comércio em diversos países europeus, incluindo a Alemanha, Polónia, Reino Unido e Irlanda, temos a intenção de produzir 500 toneladas de *cannabis* por ano para satisfazer a procura do mercado global, incluindo Portugal", explica.

Em termos de exportação, "o nosso foco principal, no momento, é a Europa e a Austrália, mas temos o desejo de ser, no futu-

ro próximo, um fornecedor mundial, pois visamos atingir uma produção que supere em toneladas o atual líder mundial", salienta.

Relativamente a quando esperam atingir o '*break-even*' [retorno do investimento], Pauric Duffy diz que tal depende de "diversos factores" que podem afectar o tempo de implementação dos diferentes estágios do projecto. "Estamos a trabalhar de perto com todas as partes envolvidas e continuamos muito optimistas de que seremos capazes de alcançar os nossos objectivos dentro do prazo desejado", afirma Pauric Duffy.

Portugal é país "estratégico"

Questionado sobre a razão da aposta no mercado português, este responsável salienta que Portugal "é um país estratégico" e "desempenha um papel fundamental" no plano de crescimento no continente europeu e na exportação para a Australásia. "Portugal apresenta as melhores condições para o mercado actual, com mão-de-obra altamente qualificada, clima perfeito e autoridades eficientes e progressistas", diz.

No primeiro ano de atividade, a empresa espera produzir 30 toneladas. Os objectivos para os primeiros quatro anos de actividade em Portugal são "criar e produzir produtos suficientes em toda a sua variedade para abastecer o mercado europeu e levar a empresa à sua capacidade produtiva máxima", conclui.

35

Holigen, grupo propeitário da RPK Biopharma, tem acesso a mais de 35 países em todo o mundo e possui acordos de distribuição e comércio em diversos países europeus, incluindo a Alemanha, Polónia, Reino Unido e Irlanda.

APOSTA NA INVESTIGAÇÃO

Questionado sobre os investimentos que vão fazer na área de investigação e desenvolvimento (I&D), o presidente-executivo da Holigen diz que se assiste "ao nascimento de uma nova indústria".

Ou seja, "quase tudo o que estamos a fazer neste momento é I&D. Estamos constantemente a desenvolver novos produtos. Como tal, a I&D tem um papel crucial na estratégia da nossa empresa", acrescenta Pauric Duffy. "Embora neste ponto embrionário actual a maioria das funções sejam relacionadas com a I&D, espera-se que dentro de um a três anos tenhamos 15 profissionais" focados na área de investigação e desenvolvimento, acrescenta.

O gestor diz ainda que as duas instalações – em Sintra e Aljustrel – vão "produzir, transformar e desenvolver produtos e ingredientes activos de *cannabis* de nível farmacêuticos de pesquisa e desenvolvimento".

Aldo Vidinha | Holigen

"Aljustrel tem terrenos férteis"

Como surgiu o projecto da RPK Biopharma no concelho de Aljustrel?
Este é um projecto que surgiu há cerca de ano e meio. Começámos a trabalhar com o presidente da Câmara de Aljustrel, no sentido de implementarmos na zona uma unidade de produção de produtos farmacêuticos, que será a maior instalação mundial em termos de capacidade de produção. Estamos a falar de 70 hectares, com uma capacidade anual de 700 toneladas de produção.

Como serão as vossas instalações em Montes Velhos?
As nossas instalações vão ter uma unidade de cultivo ao ar livre e uma unidade de processamento do produto. E no terreno onde vai estar a unidade industrial/ processamento vamos ter uma estufa de três hectares, onde teremos a produção de sub-produtos.

A que mercados se destinará a vossa produção de 'cannabis' medicinal?
Inicialmente será para exportação. O mercado nacional não conseguirá durante muitos anos comportar toda esta capacidade de produção, se é que alguma vez vai ter capacidade. Mas em Portugal, assim que o mercado estiver regulado e autorizado o uso do 'cannabis' medicinal como produto farmacêutico e para uso humano, também vamos naturalmente atacar esse mercado. Queremos estar na linha da frente.

Porquê o concelho de Aljustrel para este investimento?
É uma zona que tem acesso fácil à água. No ano passado a seca fez-nos procurar no país todo disponibilidade de água e aqui foi uma das regiões onde não houve restrições de água. Outra razão é que os terrenos aqui são muito férteis e temos agricultores especializados que já trabalharam, inclusivamente, no cultivo de papoilas – que também está relacionado com o mercado medicinal. Ou seja, já são pessoas com algum 'expertise' que nos podem ajudar a desenvolver aqui o nosso negócio e o concelho de Aljustrel.

PUBLICIDADE

CORREIO ALENTEJO

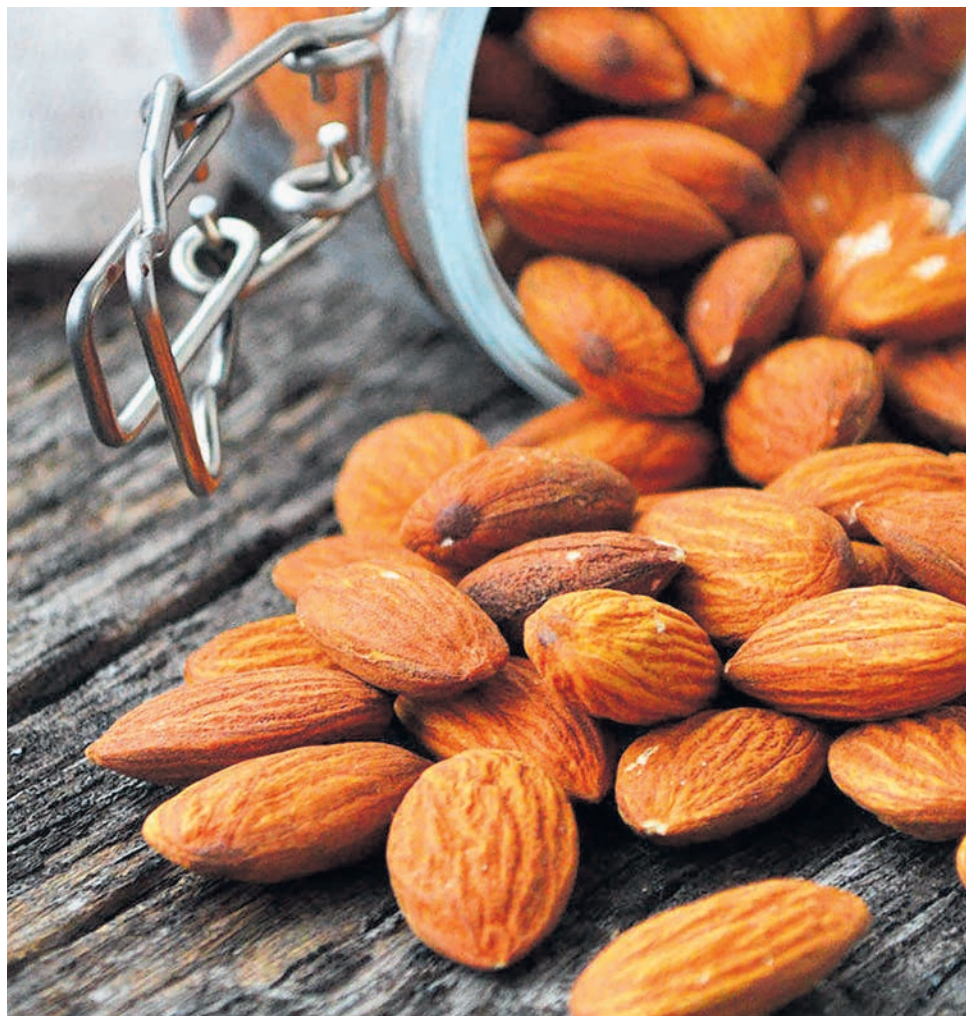
NOTÍCIAS DA SUA TERRA

www.correioalentejo.com

APOSTA NA PRODUÇÃO DE AMÊNDOAS

Americanos investem milhões em Aljustrel

Responsáveis pelo fundo One Route Investment Company olham para o Alentejo (Aljustrel incluído) como "a nova Califórnia".



O fundo norte-americano Route One Investment Company, com sede na cidade de São Francisco, está a investir fortemente no concelho de Aljustrel, onde tem centenas de hectares de amendoal em instalação nas freguesias de Aljustrel e Rio de Moinhos, Messejana e São João de Negrilhos. O investimento é de largos milhões de euros e pretende tirar partido das condições edafoclimáticas da região e, sobretudo, do facto de o território ter disponibilidade de água, através da ligação do Aproveitamento Hidroagrícola do Roxo a Alqueva.

De acordo com os responsáveis pela Route One, que também está a investir na zona de Alvito e de Évora, o objectivo é chegar ao próximo ano de 2020 com mais de três mil hectares de amendoeiras plantadas na região, num investimento total que poderá chegar aos 200 milhões de euros.

O investimento norte-americano em Aljustrel surge numa altura em que a procura mundial de frutos secos continua a superar a oferta, o que torna esta cultura bastante rentável. Acresce a isto o facto de, no caso do concelho de Aljustrel, existir disponibilidade de água, via Alqueva, o que potencia a rentabilidade das culturas: é que com regadio um hectare de amendoeiras em sistema intensivo pode produzir mais de duas toneladas de amêndoa.

Além do mais, a região da Califórnia, onde estão os maiores produtores mundiais de amêndoas, enfrenta uma difícil situação de seca, o que leva os investidores a procurar outros locais para instalar novas produções.

"Chegar a um sítio como Portugal, com disponibilidade de terra fértil e a estabilidade de fornecimento de água garantida por Alqueva, é um sonho para estes investidores. Para eles, o Alqueva é a nova Califórnia", sublinhou o ministro da Agricultura, Luís Capoulas Santos, em entrevista ao "Expresso" em Julho de 2018.

O fundo de investimento Route One foi fundado em 2010 e conta com participações em mais de uma dezena de empresas de vários sectores. Está presente nas estruturas accionaistas da Herbalife, do grupo Liberty Global (ligado à comunicação), da Alphabet (proprietária da Google) ou da gigante da informática Microsoft.

PROJECTO NA FREGUESIA DE SÃO JOÃO DE NEGRILHOS

Herdade da Granja aposta no olival

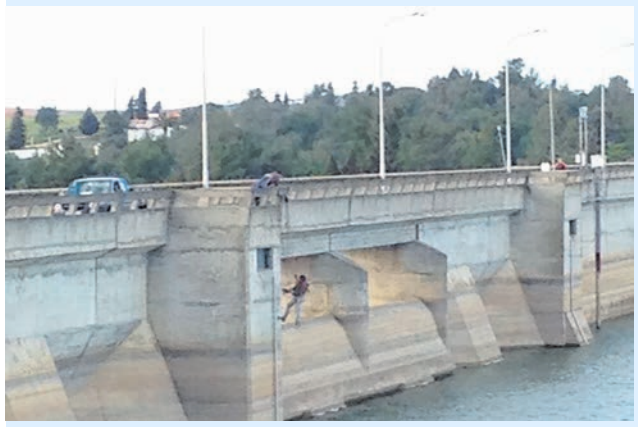
Exploração tem um lagar, inaugurado em 2017.

No alto de uma pequena colina, a Herdade da Granja é o "miradoiro" perfeito para avistar o "mar verde" que se estende pelas terras de barro entre São João de Negrilhos e Rio de Moínhos. São hectares e hectares de olival, fruto de um projecto agrícola de grande envergadura que tem vindo a ser desenvolvido ao longo dos últimos anos pela mão do empresário Filipe Feliciano.

O projecto da Herdade da Granja nasceu no início da década e começou pela instalação do olival, que já supera os 400 hectares de área. Em Junho de 2017 foi inaugurado o lagar, onde a produção de azeitona é transformada em azeite extra-virgem de grande qualidade, comercializado para todo o mundo.

ASSOCIAÇÃO DE BENEFICIÁRIOS DO ROXO

APROVEITAMENTO HIDROAGRÍCOLA DO ROXO



AO SERVIÇO DOS AGRICULTORES

O Aproveitamento Hidroagrícola do Roxo, em exploração desde 1986, distribui atualmente água por gravidade e pressão à agricultura, fornece água às populações de Beja e Aljustrel, Agroindústrias e indústrias extrativas. Desde 2016 que abastecemos o sistema Roxo-Sado do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva.

O Perímetro de Rega do Roxo foi objeto de profunda alteração em todo o seu sistema de distribuição de água, através da aplicação das mais recentes tecnologias de gestão de sistemas hidráulicos. A automatização e telegestão do sistema hidráulico, permitiu aumentar a eficiência na distribuição de água e melhorar a qualidade da prestação de serviços associados ao fornecimento de água aos agricultores.

As culturas mais representativas no Perímetro de Rega da são o Olival, Amendoal, Arroz, Figueira, Romã, Girassol o Milho e o Tomate. A Associação Beneficiários do Roxo mantem como estratégia o fomento de processos conducentes à introdução de novas culturas e à constituição de entrepostos comerciais, pretendendo desta forma potenciar o trinómio associado à agricultura de regadio: **PRODUÇÃO > TRANSFORMAÇÃO > COMERCIALIZAÇÃO.**

Com a efectivação em 2010 da ligação da Barragem do Roxo ao Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva, o perímetro do Roxo passou a efectuar a distribuição de água à agricultura com maior segurança e regularidade, criando assim condições para o aparecimento de projectos agrícolas de cariz empresarial.

Tendo em conta os elevados custos energéticos associados à distribuição de água sob pressão, realizamos o investimento numa Central Fotovoltaica do Roxo, junto à Estação Elevatória de Montes Velhos, que entrou em funcionamento em 2018. Visando a autonomia energética estamos a desenvolver os processos para a instalação de uma Mini-Hídrica na Barragem do Roxo, para a produção de energia hidroelétrica, apenas com os caudais admitidos na tomada de água do canal.

Prestamos serviço de apoio à rega, ao nível da exploração dos agricultores, através da criação do Serviço Integrado de Apoio ao Regante (SIAR), no qual efectuamos aconselhamento semanal da quantidade e da oportunidade da rega, através do aluguer ou venda de sondas de humidade. Efectuamos ainda a monitorização da qualidade da água para uso agrícola, através da emissão de boletins mensais dos principias parâmetros químicos da água.

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DA ABROXO

• Inspeção e reconhecimento de regantes (Medida 7,5);	• Serviços de Topografia, Cartografia Digital e Sig-Roxo;
• Gabinete de aconselhamento de rega	• Sistema Integrado de apoio ao Regante.
• Serviço de Máquinas: Retroescavadoras, Giratórias, Niveladora, Trator com roçadora limpa bermas, taludes e valados;	

CONTACTOS:

Estrada Nacional Nº 383 – Montes Velhos – 7600-411 São João de Negrilhos

Telefone: 284 660 100 || Fax: 284 660 109 || E-mail: secretariado@abroxo.pt || www.abroxo.pt

ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES DO CAMPO BRANCO

Apoio à agricultura e pecuária

Associação apoia cerca de 927 explorações agro-pecuárias, muitas na zona sul do concelho de Aljustrel.

Foi numa terça-feira que tudo começou oficialmente. Depois de dois anos de muitas reuniões e encontros, um grupo de 29 agricultores e técnicos agrícolas da zona de Castro Verde e dos concelhos limítrofes deslocou-se no dia 3 de Janeiro de 1989 ao Cartório Notarial de Castro Verde para assinar a escritura de constituição da nova Associação de Agricultores do Campo Branco (AACB). Desde então passaram-se 30 anos, com mais altos que baixos!

"Hoje em dia esta Associação presta um grande apoio aos nossos agricultores e esse apoio não se ficou só pelas ajudas comunitárias. Temos vários serviços que são mais-valias para os nossos associados, desde a sanidade às agro-ambientais, a recepção de candidaturas e o apoio técnico", sublinha o presidente da AACB.

José da Luz Pereira, que foi um dos fundadores da associação e é presidente desde 1992, destaca ainda o facto de a AACB ter trabalho feito na questão "do abastecimento de água à pecuária" da zona, criando as condições para que a falta de água nas explorações agrícolas causada pela seca não seja uma verdadeira catástrofe para o sector (e para a região).

Olhando para as três décadas de trabalho que já passaram, o presidente da AACB destaca três momentos "decisivos": o surgimento do Agrupamento de Defesa Sanitária em 1989, a criação do Plano Zonal de Castro Verde em 1994 e os apoios garantidos junto do Estado, a fundo perdido, para agricultores e produtores afectados pela seca em 1995.

1989

Associação de Agricultores do Campo Branco foi fundada em Janeiro de 1989, tendo cumprido em 2019 o seu 30º aniversário. Apoia agricultores de cinco concelhos, incluindo Aljustrel.

Actualmente, a associação representa mais 900 explorações agrícolas nos concelhos de Castro Verde, Ourique, Almodôvar e parte de Aljustrel, (quase) todas elas conciliando a produção de cereais de sequeiro com a pecuária extensiva, nomeadamente ovinos, caprinos e bovinos. No caso concreto de Aljustrel, e segundo dados relativos ao final de 2018, a AACB apoia 61 explorações com bovinos (num total de 5.878 ca-

beças) e mais 122 com ovinos e caprinos (14.899 animais).

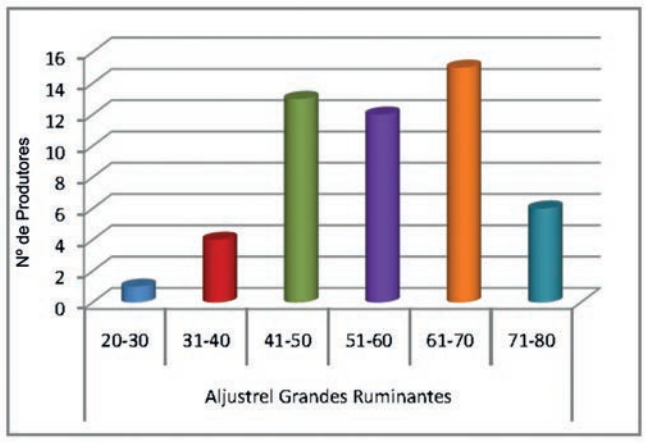
OPTIMISMO… E APREENSÃO

Se o passado merece orgulho e o presente é feito de satisfação, para o futuro são muitos os desafios que se colocam à Associação de Agricultores do Campo Branco. Sobretudo porque esta trabalha com agricultores e explorações agro-pecuárias que não têm acesso à água proveniente do Alqueva, com todas as condicionantes que isso acarreta.

Por isso mesmo, o presidente da AACB não deixa de lamentar que a agricultura tradicional e de sequeiro seja, muitas vezes, preterida por governantes e outros decisores em prol do regadio. "O regadio absorve hoje verbas exorbitantes e o sequeiro trabalha com outros números. E como já disse, o sequeiro está hoje a atravessar uma crise muito grave, talvez das piores crises que enfrentou nas últimas décadas", argumenta.

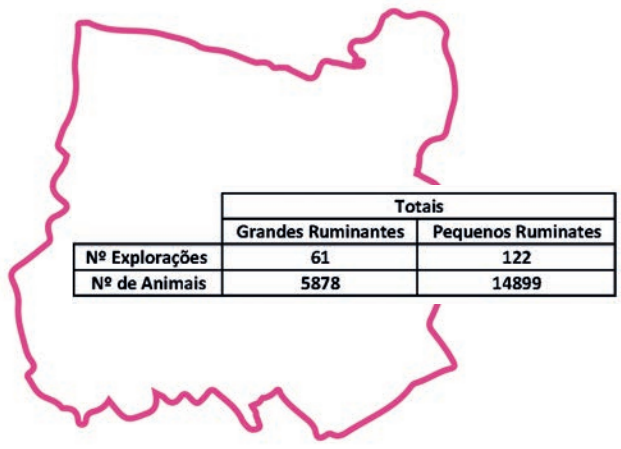
Ainda assim, José da Luz Pereira prefere um discurso de esperança. "Embora a vida me tenha trazido algumas desilusões, a verdade é que acho que é necessário manter estes campos abertos, estes campos naturais onde se faz esta agricultura de sequeiro, ainda que mais aperfeiçoada", diz com optimismo.

Um sentimento que José da Luz Pereira justifica com o crescimento que sector pecuário tem vindo a registar nos últimos tempos. "Tem havido muitas negociações, nomeadamente com países do Norte de África e do Médio Oriente, e estou convencido que a produção de borregos vai aumentar. E quem se dedicar à produção de borregos – que é muito exigente – vai ter rentabilidade", conclui.

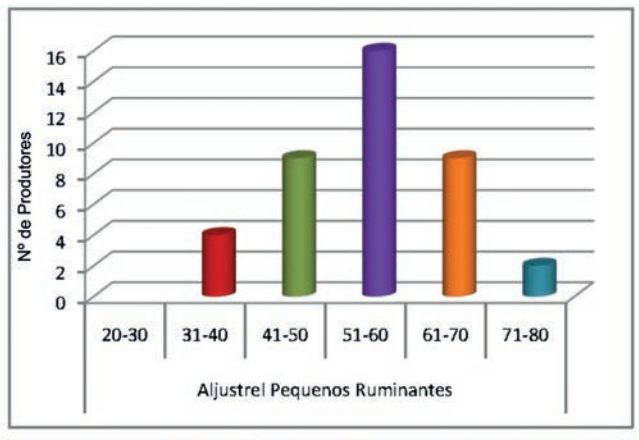


Aljustrel Grandes Ruminantes						
20-30	31-40	41-50	51-60	61-70	71-80	*
1	4	13	12	15	6	

*Intervalo de idade dos produtores



	Totais	
	Grandes Ruminantes	Pequenos Ruminantes
Nº Explorações	61	122
Nº de Animais	5878	14899



Aljustrel Pequenos Ruminantes						
20-30	31-40	41-50	51-60	61-70	71-80	*
	4	9	16	9	2	

*Intervalo de idade dos produtores

"O REGADIO ABSORVE HOJE VERBAS EXORBITANTES E O SEQUEIRO TRABALHA COM OUTROS NÚMEROS."

ANTÓNIO JOSÉ BANZA

Pecuária a pensar na exportação

Exploração de António José Banza situa-se perto da aldeia do Carregueiro e conta com ovinos, bovinos e suínos.

Apesar da Estrada Nacional 2 estar na linha do horizonte, nem o tráfego (e ruído) de carros e camiões abala a tranquilidade das ovelhas e borregos que pastam a escassos metros do Monte da Minhota, perto da aldeia do Carregueiro, no concelho de Aljustrel. É aí que António José Banza tem parte do seu rebanho, num total de 1.600 ovinos, que depois são vendidos na sua maioria para o estrangeiro.

"O negócio dos borregos está rentável e tem melhorado devido às exportações, porque o consumo nacional [de carne de borrego] é quase zero", conta este agricultor de 49 anos.

A par dos ovinos, António José Banza possui ainda na sua exploração agrícola gado bovino e suíno, além de produzir cereais de sequeiro.

"Mas os cereais estão condenados, porque o rendimento é zero. Têm de se fazer para se manter pastagens. Mas a pecuária é que tem futuro e mais potencial", garante este produtor.

Por isso mesmo, continua António José Banza, há muito trabalho pela frente. "Temos de partir para a certificação e outras coisas. Agora que em termos de sanidade está tudo mais ou menos feito, temos de procurar e erradicar as doenças que os outros países não querem levar para lá. É nisso que temos de debruçar o nosso trabalho", reforça.

HÉLDER GUERREIRO | VOGAL-EXECUTIVO DO ALENTEJO 2020

"QUEREMOS QUE O ALENTEJO SEJA A MELHOR REGIÃO DO MUNDO"

O Alentejo 2020 já colocou mais de 200 milhões de euros no território, o que corresponde a um investimento elegível aprovado de aproximadamente 1.000 milhões de euros. Números que levam o vogal-executivo da comissão directiva do programa operacional regional a considerar que este tem sido positivo para a região.

Que balanço se pode fazer da execução do Programa Operacional Regional Alentejo 2020, que, formalmente, está a chegar ao fim?
O Alentejo 2020 está numa trajectória de execução que, quando cruzamos os indicadores históricos do Alentejo com os outros programas da mesma tipologia de territórios de convergência, podemos concluir que é positiva. Estamos próximos dos 20%, o que significa, grosso modo, que já colocámos mais de 200 milhões de euros no território, o que corresponde a um investimento elegível aprovado de aproximadamente 1.000 milhões de euros. Estes são números relevantes que nos deixam tranquilos sobre o desempenho do Alentejo 2020 e que demonstram bem a relevância do programa operacional regional na capacidade de investimento público e privado para uma melhor região.

É possível afirmar que houve uma transformação na região com o Alentejo 2020?
Mesmo que ainda seja cedo para afirmar transformações – afinal, o Alentejo 2020 tem como final de execução Dezembro de 2023 –, gostaríamos de destacar três componentes que talvez possam significar transformações robustas na região. Por um lado, importa destacar o papel reforçado das comunidades intermunicipais, seja em áreas tradicionais onde já o faziam intervenção, mas, fundamentalmente, nos domínios da promoção do sucesso escolar e no apoio às iniciativas empresariais de promoção do emprego e do empreendedorismo. Estas duas questões significaram, na maioria dos casos, o reforço da acção estratégica intermunicipal e a abordagem a novas áreas que podem muito bem representar o futuro papel destas comunidades intermunicipais no desenvolvimento dos seus territórios. Por outro lado, o forte investimento autárquico na competitividade dos espaços de acolhimento de empresas, seja pela via da sua qualificação seja pela via do alargamento e/ou mesmo de novos projectos. Este investimento, bem concluído e bem promovido pode ser uma enorme oportunidade para o futuro da região. Por último, mas não menos importante, destacar a forte capacidade de investimento das empresas do Alentejo que se reflecte na enorme procura que os sistemas de apoio às empresas têm tido, próximo de 500 milhões de euros de investimento elegível aprovado. É um indicador de que estaremos perante uma nova etapa do investimento empresarial na região.

Já estão definidas as linhas orientadoras para o quadro comunitário 20/30?
Neste momento estão definidas as grandes linhas de orientação por parte da Comissão Europeia e que se traduzem em cinco orientações de política: uma Europa mais inteligente, uma Europa mais social, uma Europa mais próxima, uma Europa mais verde e hipocarbónica, e uma Europa mais conectada. De forma resumida, diria que as novas orientações de política da Comissão apontam para o reforço de compromissos históricos e significativos da Europa, como a diminuição das emissões poluentes e o uso sustentável dos recursos, bem como o canalizar de recursos para novas agendas como a das migrações e das as alterações climáticas.

E no plano nacional? Já há ideias sobre como deve ser utilizado o pacote 20/30?
De parte do nosso Governo, com publicação relativamente recente, temos o conjunto das agendas temáticas que servirão de orientação ao próximo período de pro-

> [NO QUADRO 20/30] PORTUGAL PRETENDE FAZER UMA FORTE APOSTA NAS PESSOAS, NA INOVAÇÃO E NA COMPETITIVIDADE DO PAÍS.

> TEMOS A CONVICÇÃO DE QUE O ALENTEJO CONTINUA A PRECISAR DE UM QUADRO DE APOIO REGIONAL QUE, MAIS DO QUE O MONTANTE QUE TERÁ DISPONÍVEL, TENHA UMA FORTE COMPONENTE ESTRATÉGICA.

gramação, como sejam as pessoas primeiro, um melhor equilíbrio demográfico, maior inclusão, menos desigualdade, inovação e qualificações como motores do desenvolvimento, um país competitivo externamente e coeso internamente, e um país sustentável e que valoriza os seus recursos endógenos. Estas agendas significam que Portugal pretende fazer uma forte aposta nas pessoas, na inovação e na competitividade do país.

Pode-se esperar um reforço da verba para a região Alentejo?
Nesta fase da negociação não podemos afirmar que a região terá reforço de verbas, mas temos a convicção de que o Alentejo continua a precisar de um quadro de apoio regional que, mais do que o montante que terá disponível, tenha uma forte componente estratégica e que seja capaz de mobilizar os actores regionais por uma região mais competitiva em todos os domínios.

Muitos autarcas consideram que o novo quadro comunitário não deve excluir investimentos em infra-estruturas como rodovias e saneamento/ abastecimento. É admissível que assim venha a ser?
Esses investimentos fazem parte dos textos dos regulamentos que já conhecemos, que ainda não estão aprovados em definitivo, pelo que não estão descartados. Mas, tendo em conta que estão considerados como investimentos verdadeiramente estruturantes, estão dependentes da sua inclusão em estratégias nacionais especificas. Uma dessas estratégias é o Plano Nacional de Investimentos, que tem sido – e bem – identificado com o pós-Portugal 2020, ainda que o quadro comunitário que estamos a negociar neste momento não seja (não deva ser), obrigatoriamente, o único recurso disponível do país para este tipo de investimentos.

Que Alentejo podemos (e devemos) perspectivar para 2030?
O que resulta, para já, das reuniões que temos feito com vista à preparação do próximo período de programação é um Alentejo competitivo para a atractividade em recursos humanos, um Alentejo onde os actores trabalhem de forma mais articulada e próxima e onde a competitividade económica, assente nos nossos recursos, seja pela via do reforço das cadeias de valor desses recursos. Na verdade, perspectivamos – e queremos ser – a melhor região do mundo para viver e para trabalhar!

INVESTIMENTO DA CÂMARA MUNICIPAL

Avançam novas áreas empresariais

Na sede de concelho, mas também em Ervidel e Negrilhos.

Plano de Ordenamento da futura Área de Acolhimento Empresarial de São João de Negrilhos.

A Câmara de Aljustrel vai investir quase cinco milhões de euros em quatro projectos de áreas de acolhimento de empresas no concelho, depois do programa Alentejo 2020 ter aprovado a comparticipação comunitária dos mesmos na ordem dos 4,2 milhões de euros.

A expansão da Área de Acolhimento Empresarial e a criação do Centro de Negócios da vila de Aljustrel, de 2,2 milhões de euros e de 1,1 milhões de euros, respectivamente, são os dois projectos que vão implicar os maiores investimentos.

Os outros dois projectos são os de criação da Área de Acolhimento Empresarial de Ervidel (996 mil euros) e de requalificação da Área de Acolhimento Empresarial de São João de Negrilhos (576 mil euros).

Os quatro projectos vão implicar um investimento total de 4.963.596 euros, que será cofinanciado em 85% (4.219.056 euros) por fundos comunitários e em 15% (744.539 euros) por verbas do Município.

De acordo com a autarquia, a actual Área de Acolhimento Empresarial de Aljustrel está preenchida e a expansão para uma área total de 80.000 metros quadrados vai permitir criar mais 33 lotes, sendo 32 para actividades económicas e um para portaria, que terá gabinetes e salas de reunião que poderão ser usadas pelas empresas instaladas.

Já o Centro de Negócios de Aljustrel vai disponibilizar 12 gabinetes de trabalho e quatro salas para empresários poderem instalar e desenvolver as suas actividades e usufruir de serviços de apoio "com vista ao crescimento sustentado" de empresas e *start-ups* (empresas emergentes).

Por sua vez, a Área de Acolhimento Empresarial de Ervidel irá disponibilizar 12 lotes para actividades económicas, a maioria na área da agro-indústria, enquanto a qualificação da Área de Acolhimento Empresarial de São João de Negrilhos criará "condições para um melhor desempenho" das empresas instaladas e permitir a fixação de zonas de apoio logístico à actividade agro-industrial, que "tem intensificado a sua actividade nos últimos anos".

5

Investimento do Município de Aljustrel ronda os cinco milhões de euros.

"EXCELENTE INCENTIVO"
Para o presidente da Câmara de Aljustrel, o investimento da autarquia em quatro novas áreas empresariais é "um excelente incentivo para o tecido empresarial do concelho, numa clara aposta na qualidade das infra-estruturas de acolhimento empresarial".

Os projectos, acrescenta Nelson Brito, reflectem a "aposta" do Município "na inovação e na promoção da actividade empresarial, promovendo o apoio ao empreendedorismo e à criação de um eco-sistema favorável ao desenvolvimento da actividade empresarial".

As quatro áreas, segundo o autarca aljustrelense, irão "permitir um ambiente privilegiado para o crescimento de novas unidades empresariais, com forte componente de inovação e empreendedorismo, apostando no acolhimento e no suporte de projectos de base tecnológica, que potenciem a renovação do tecido empresarial".

Por outro lado, continua Nelson Brito, as quatro áreas irão também "responder ao objectivo nuclear de estabelecer as melhores condições possíveis para acolher empresas e iniciativas empreendedoras", por forma a "aumentar e diversificar o tecido empresarial, criar condições para o auto-emprego e novos postos de trabalho e para desenvolver sustentadamente o município através da iniciativa privada".

CA Empresas
A IDENTIDADE DA MINHA EMPRESA CONTA COM O BANCO CERTO.
PUBLICIDADE 04/2019
PME LÍDER
EXPORTAÇÃO
SUSTENTÁVEL
INVESTIMENTO
SOLIDEZ
RESPONSÁVEL
Somos o reflexo do que fazemos, como o fazemos e do Banco que escolhemos. Escolha um Banco que partilhe da identidade e da ambição da sua PME.
INFORMAÇÕES NA AGÊNCIA OU LINHA DIRECTA
808 20 60 60
Atendimento 24h/dia, personalizado 2ª a 6ª feira: 8h30 às 23h30; sábados, domingos e feriados: 10h às 23h
www.creditoagricola.pt
SIGA-NOS
CA Vida
CA Seguros
CA
Crédito Agrícola
O Banco nacional com pronúncia local
Desde 1911
ALJUSTREL E ALMODÔVAR